Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data / /
Cod. ALD00027

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

RELATÓRIO SOBRE OS ÍNDIOS ARREDIOS AVÁ-CANOEIROS

I. INTRODUÇÃO

Designados pela portaria nº 1471/E de 02 de dezembro de 1982 e cumprindo determinação da ITE Nº 045/DGPI de 6 de dezembro de 82, apresentamos o relatório de viagem aos municípios de Minaçu, Cavalcante e Monte Alegre, no Estado de Goiás, visando a localização de grupos indígenas arredios para fins de interdição de área.

A viagem transcorreu do dia 8 de dezembro a 15 do mesmo mês. Nesses oito dias percorremos diversas fazendas ou posses colhendo relatos de pessoas que de algum modo mantiveram contatos com os índios, seja indiretamente, como "vítimas" de pilhagem, ou diretamente, avistando e sendo vistas pelos índios. Visitamos também dois acampamentos dos índios, um deles há mais de ano abandonado e outro recente, com aproximadamente oito dias de construído, e possivelmente, ainda em uso.

Antes de apresentarmos o relato da viagem e as conclusões pertinentes apresentaremos um breve histórico dos índios Avá-Canoeiros, indispensável para a compreensão da atual situação em que se encontram esses índios.

II. HISTÓRICO

Os viajantes que navegaram pelos rios Araguaia e Tocantins (ou Maranhão) em meados do século passado fazem referência todos às tribos dos Canoeiros tidos como ferozes, obstinados, belicosos etc.

João Emanuel Pohl, em sua obra "Viagem no Interior do Brasil (1817 e 1821)" discorre sobre os canoeiros nas páginas 89 e 93 do segundo volume (Edição de 1951, I.N.L. RJ).

Escreve o autor: "Durante minha estada (no arraial de S.Félix) todo o arraial estava em alarme e em constante inquietação. Preparava-se uma bandeira (uma expedição) contra as tribos de índios selvagens que habitam a margem oposta do piscoso rio

Acervo ISA

Maranhão, os temidos canoeiros. Estas são uma das tribos mais numerosas, selvagens e cruéis, de robusta constituição física, belicosos, implacáveis, obstinados na realização de seus intentos.

Quando podem roubam o gado, comem carne de carne de cavalo e de burro, e muito apreciam esse alimento. O piscoso rio Maranhão oferece-lhes superabundância de peixe. Tiram o nome (canoeiros) das canoas que usam: são troncos de árvores escavadas, nas quais navegam audaciosamente e habilmente, mesmo o caudoloso rio Maranhão. No caso de um ataque escondem essas canoas debaixo d'agua, enchem-nas de pedras e afundam-nas. Vivem nas matas próximas do rio Maranhão, dos rio Paraná e Manuel Alves e da barra do Palma onde têm as suas aldeias. Possuem além do rio Maranhão, a oeste, os descampados até Amaro Leite e Piedade, onde muito inquietam os moradores. Os colonos descrevem as terras desses índios como muito férteis e auríferas.

Com olhos invejosos encaram esse colonos as posse dos índios em geral, de cuja apropriação esperam grandes riquezas. Ouve-se constantemente a queixa de que os índios que já evacuaram a maior parte do Brasil possuem as melhores terras e devem ser exterminados e que o rei deveria enviar auxílio para a exterminação desses bichos (dão esse nome aos pobres índios). Que estes eram uma praga para a humanidade e que só com a aniquilação dos índios pode o rei felicitar e enriquecer os seus súditos. Ouvem-se tais opiniões em todo o norte de Goiás, mesmo entre sacerdotes ilustrados".

Sobre a concecussão da bandeira em preparação, Pohl faz o seguinte relato: "chegaram eles a uma vereda que leva de Amaro Leite para o Rio Maranhão. Seguiram a vereda e chegaram, na margem oposta do rio Maranhão, no rio das Almas, a uma aldeia de índios com uma grande roça de milho de quatro alqueires, que acabava de ser plantada. Esta aldeia foi cercada e foi proposta a paz aos canoeiros, que não a aceitaram, antes a repeliram corajosamente.

A seguir a bandeira disparou contra as cabanas de palmeira e incendiou-as e matou a punhal ou a tiro, sem compaixão, todos os índios que pretendiam fugir das cabanas de modo que só fugiram dois índios. Foram feitos prisioneiros 6 crianças e 1 mulher velha.

Acervo ISA

Essa vitória vergonhosamente alcançada de modo nenhum extirpou a tribo dos canoeiros, pois a maioria deles não estava presente na aldeia, mas em caçadas, e certamente no futuro se vingarão dessa façanha".

O General Couto de Magalhães em sua obra "Viagem ao Araguaya", viagem esta realizada no ano de 1862, localiza um grude canoeiros também no rio Araguaya.

"Á nossa direita, e em rumo de nordeste, estão os sertões de Tesouras, fechados entre o rio do Peixe e o rio do mesmo nome: é ahi a morada mais constante do impetuoso canoeiro, cujo caráter selvagem e feroz merece especial atenção." (pag. 104).

Na página seguinte complementa: "A poucas léguas do lugar em que estou, jazem as ruínas do extincto arraial de Tesouras, cujos habitantes elles mataram e cujas casas assolaram sem a menor piedade, entregando a povoação a um incêndio, que tudo devorou, à excessão das paredes e muros de pedra, que ainda existem. Além desse, existem as freguezias de S. Félix, Cocal, Água Quente e Amaro Leite, cujos sertões foram os mais ricos em população e gado, todos reduzidos a cinzas por elles, além de Crixás e a villa de Pilar, que foram dizimadas." (pág. 105)

Vemos assim que a previsão de Pohl sobre o arraial de S. Félix cumpriu-se. Esse estado de guerra aberta e declarada perdurou por muitos anos ainda, até o quase exterminio da tribo dos canoeiros. Sobre isso é interessante transcrever o relato que faz Zoroastro Artiaga em sua obra "Dos índios do Brasil Central", já na década de 40 do nosso século: "São poucos, porém aguerridos e inteligentes."

Evitam o contacto com os civilizados e com as outras tribos, e, felizmente, já não atacam, como faziam antigamente, evitam as lutas".

De numerosos e implacáveis, no século passado, os canoeiros transformaram-se em poucos e cautelosos, no século atual.

Willy Aureli, em sua obra "Sumaúma" confirma o comportamento arredio dos índios canoeiros ao escrever: "Antes de mais nada devemos dizer que até hoje (1963), malgrado os esforços

Acervo ISA

empregados pelo SPI para atraí-los a um de seus postos no sertão goiano, tudo resultou inútil. Jamais um desses índios foi visto ou entrevisto. Jamais se conseguiu ter um contato, por ligeiro que fosse, com um canoeiro" (pag. 86).

As frentes de atração montadas pela FUNAI até hoje, tampouco obtiveram êxito na atração dos Avá-Canoeiros do rio Tocantins.

Resumindo: a outrora numerosa e valente tribo dos canoeiros, após quase um século de luta, cedeu seu território ao conquistador em busca principalmente do ouro da região, passando a fugir e a evitar a todo custo, o contato com estranhos. À medida em que se reduzia a população canoeiro, aumentava o medo e o procedimento arredio.

III - SITUAÇÃO ATUAL E RELATO DA VIAGEM

Atualmente há indícios da existência de dois grupos indígenas Avá-Canoeiros. Um, no município de Minaçu, a margem direita do rio Tocantins, próximo à Serra do Retrato. onde antes já houve uma aldeia Canoeiro. O outro grupo acha-se no município de Monte Alegre próximo ao Rio Paranã.

A existência do primeiro grupo foi por nós constatada a partir do relato dos moradores locais e do servidor da FUNAI, Sr. Antonio Bones, assim como pela existência de um acampamento abandonado, conhecido como "casa das pedras".

O Sr. Quincas Maurício, morador das proximidades da Serra do Retrato, é quem por último obteve notícias desses índios. Garante ele que foram os índios quem furaram um cavalo de sua propriedade em fins de novembro passado, embora não os tenha visto. Do seu relato, gravado pelo GT, transcreveremos as passagens mais significativas, a seguir:

- Eu calculo que esses "troços" tem acampamento aqui entre o Taquari e aqui. As vezes pode não estar, mas que eles estiveram aí, estiveram; muitos dias.

- Eu fui pra roça e estou "vendo" alguém cortando como quem tá rachando um pau, cada pancadona feia! E bate, bate e eu

Acervo ISA

não lembrei, quando eles já tinham terminado de cortar. Aí foi Quinta-feira. Quando foi sábado eu fui caçar os animais e não achei. Quando foi domingo ou achei o cavalo furado.

- Tem uma base de vinte dias que eles furaram meu cavalo (entrevista a 11.12.82).

1º gr. A partir dos relatos dos moradores locais, das notícias de saque e da experiência do Sr. Antonio Bones, desde 1971 trabalhando na atração dos Canoeiros, conseguimos montar um histórico do passado recente desse grupo. Em 1971 quando foi formada a 1ª frente de atração nessa região os índios ainda moravam em aldeia, com casas, plantações, etc. Esta, estava situada entre a Serra do Retrato e o córrego Florência, próximo ao córrego J. Vieira.

A F.A. os afugentou rumo a Niquelândia, ao sul. Instalaram-se então na margem esquerda do Tocantins, próximo à Cachoeira das Éguas. Em setembro de 1981 o servidor Antonio, avistou três índios na barra do ig. Macaco, consertando uma canoa.

O chefe da F.A., Sr. Gilvan, muito pouco pôde fazer para tentar o contato com esses índios, por falta de recursos. Em setembro deste ano a FURNAS Centrais Elétricas instalou um acampamento nas proximidades da Cachoeira das Éguas, afugentando uma
1º vez mais os Canoeiros. Ao que parece, retornaram à Serra do Retrato, pois é nas imediações dessa serra onde voltaram a surgir notícias de saques e mortes de animais. Encontram-se agora nas imediações da serra do Retrato.

O segundo grupo, da margem direita do rio Paranã, começou a aparecer em maio deste ano com a abertura de diversas fazendas na região. As fazendas onde mais há notícias e vestígios deles são: S. Salvador e Anjico;vivem nas proximidades das Serras
2º do Mendes e da Contenda. Na encosta da Serra do Mendes visitamos um acampamento recém-construído pelos Canoeiros descoberto pelo vaqueiro Benvindo da faz. Anjico. No acampamento encontramos quatro cabanas rústicas e improvisadas e oito fogueiras com restos de um macaco e uma cobra, assim como alguns objetos rústicos com cordas e paus de fazer fogo.

Segundo esse vaqueiro, no início desse mês de dezembro, saiu ele atraz de uma vaca que havia fugido na direção da

Acervo ISA

serra quando ouviu sons de flautas. Caminhou um pouco mais e ouviu vozes sem entender o que estavam dizendo. Retornou então, com medo. Depois de alguns dias voltou com sua esposa e já não encontrou os índios, mas somente as cabanas e os restos de fogueiras.

Supomos ser esse segundo grupo maior que o primeiro, das margens do Tocantins, em razão da maior frequencia com que matam o gado das fazendas e pelo número de fogueiras encontradas no acampamento visitado. Calculamos de 10 a 15 pessoas no 1º grupo e de 20 a 30 no segundo.

IV - CONCLUSÃO E PROPOSTA DE ATUAÇÃO

É inquestionável a presença de índios arredios nos lugares visitados, levando-se em conta os relatos dos moradores da região assim como o material recolhido por este GT, inclusive o acampamento por nós visitado.

Algumas conclusões podem ser apresentadas com segurança a partir do material coletado em confronto com os dados históricos existentes.

1) Trata-se de índios avá-canoeiros, pelo fato de se alimentarem de carne de gado, coisa que já faziam há, pelo menos, um século atrás, segundo a descrição de João Pohl.
2) Encontram-se em região ocupada por seus antepassados desde tempos imemoriais.
3) Embora vivam ainda em região de posse imemorial, não habitam mais as margens dos rios em virtude da presença de brancos, e sim encontram-se refugiados entre diversas serras, incursionando até os rios apenas esporadicamente.
4) As serras constituem o último refúgio desses índios, estando todas as demais terras da região tomadas por fazendas.
5) São dois grupos distintos, suposição esta confirmada por notícias de ataque quase que simultâneos a fazenda localizadas distantes entre si, como são as fazendas do Vale do Paraná e as do Vale do To

Acervo ISA

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

cantins.

6) A Frente de Atração dos Avá-Canoeiros, como encontra-se estruturada atualmente, não apresenta condições, as mínimas sequer, para promover a atração desses grupos arredios. Falta-lhe recursos de toda ordem, seja financeiros ou humanos.
7) É imperiosa e urgente a atuação efetiva da FUNAI na área em razão do pouco espaço que resta ao índio, obrigando-o a se expor ao saque as fazendas e em virtude do estado de ânimo dos moradores locais que se julgam no direito de revidar tais ataques para não ter seus rebanhos consumidos a troco de nada.

A partir das conclusões acima apresentadas, acreditamos serem as seguintes medidas cabíveis à FUNAI:

1) Em primeiro lugar é necessário dotar a Frente de Atração dos Avá-Canoeiros de recursos compatíveis com a magnitude e a dificuldade da missão que lhe foi confiada. Para isso deve-se manter entendimentos com o Chefe da F.A., Sr. Gilvan Brandão da Silva.
2) Interdição para fins de atração e pacificação dos Avá-Canoeiros uma área na margem do rio Tocantins para onde eles possam ser transferidos após o contato, evitando-se com isso a transferência a outras áreas indígenas onde eles viveriam como estranhos.
A área de Interdição encontra-se plotada em mapa anexo assim como descrita em memorial.

Anexamos também fotografias do acampamento visitado.

A escolha dessa área para abrigar os Canoeiros prende-se ao fato de ser uma área onde hoje se encontra parte do grupo, além de estar à margem do rio Tocantins, região de ocupação imemorial dos Canoeiros.

Sendo este o resumo dos fatos por nós observados na região e sendo estas as medidas que julgamos necessárias para a solução do problema, submetemos à apreciação superior este relatório.

BSB, 28/12/82.

Artur Nobre Mendes
Artur N. Mendes
Antropólogo-DID